

Observações sobre o uso dos afixos derivacionais em alguns crioulos de base lexical portuguesa e espanhola

Angela Bartens
abartens@mappi.helsinki.fi
Universidade de Helsínquia (Finlândia)

RESUMO. Na presente contribuição, examinamos a hipótese de McWhorter (1998; 2005) segundo a qual a morfologia derivacional das línguas crioulas seria transparente ou “composicional” com base em dados de seis crioulos de base ibero-românica. Mais precisamente, tratamos apenas da derivação afixal. Constatamos que, dependendo da coexistência com as línguas lexificadoras e/ou de adstrato, os seis crioulos estudados utilizam os afixos derivacionais de maneiras muito distintas. Contudo, na maioria dos casos, a derivação é semanticamente transparente. Existem, porém, em todos os crioulos estudados contra-exemplos ao postulado da transparência ou da composicionalidade semântica.

PALAVRAS-CHAVE:

Abstract. In the present study, we examine McWhorter’s (1998; 2005) hypothesis according to which the derivational morphology of creole languages is semantically transparent or “compositional”. We have drawn our data from six Iberoromance-based creoles. To be precise, in this paper we only deal with derivation by means of affixation. Depending on the coexistence of the creoles with the lexifier and/or adstrate languages, they turn out to employ their derivational affixes in quite distinct ways. In the majority of cases, the derivational processes are semantically transparent. However, all the creoles studied here also feature counter-evidence against the postulate of semantic transparency or compositionality.

KEY-WORDS:

1– Introdução

Sobretudo após a publicação dos trabalhos de McWhorter (1998; 2005)¹, assistiu-se ao reinício do debate sobre as questões seguintes:

Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 4 - 2008, pp. 59-83.

¹ McWhorter (2005) é uma antologia de artigos anteriores actualizados. Por essa razão, não citamos os artigos individuais.

as línguas *pidgins* e crioulas têm morfologia flexional e derivacional e esta última é realmente “transparente” ou “composicional” como pretende McWhorter, ou não?

Integrando-se nos estudos que se inspiram na hipótese de McWhorter – que estipula que as línguas crioulas se podem distinguir por três critérios intralinguísticos: a morfologia flexional é virtualmente inexistente; os tons não são usados, ou são usados de forma muito restrita, para marcar distinções lexicais e morfossintáticas; e a derivação é sempre composicional (p. ex. McWhorter 2005: 10) –, a presente contribuição trata de apenas uma parte da derivação, a derivação afixal.² Num trabalho anterior (Bartens 2004), investigámos o redobro, cujas funções nas línguas crioulas podem ser flexionais ou derivacionais, segundo Kouwenberg & LaCharité (2003); deixámos de lado a conversão, processo altramente produtivo nos crioulos.

Por exemplo, Plag (2001; 2006), Siegel (2004) e Arends *et al.* (2006) questionam os postulados de McWhorter partindo de uma perspectiva mais lata. Todos concordam com a conclusão de que os postulados de McWhorter não se podem manter.³ No caso específico da morfologia derivacional, afirmam o seguinte: ainda que existam muitos casos de derivação transparente, há contra-exemplos em quantidade suficiente para refutar a hipótese. Enquanto McWhorter (1998: 798) sublinha que a opacidade semântica da derivação é sempre resultado da derivação semântica a longo prazo, Plag (2001: 155-156; 2006: 305) e Braun & Plag (2003) observam que, numa situação de contacto linguístico, é previsível que surja opacidade semântica por outros mecanismos, sobretudo o empréstimo. A conversão tam-

² Entendemos a derivação no sentido de Fries (2005) e Günther (2005): junção de afixos a uma base. No caso dos sufixos, é inequívoco que o sufixo constitui o núcleo da palavra derivada e por isso determina a respectiva classe gramatical. Muitas vezes, também determina a classe das bases às quais se pode juntar. A posição dos prefixos, pelo contrário, não é inequívoca. Fries (2005: 5) observa que alguns autores incluem a conversão na derivação. De qualquer modo, como notamos no texto, a conversão é um mecanismo de formação de palavras típico das línguas crioulas que não consideramos aqui precisamente por esse motivo. Em função da definição da derivação dada acima, também não consideramos as mudanças de classe gramatical que ocorrem quando a acentuação ou a estrutura tonal da palavra mudam, processos esses que têm um papel importante, por exemplo, no papiamentu.

³ Com efeito, Faraclas (2003: 287) chega à conclusão de que o tok pisin manifesta mais complexidade, pelo menos nos usos do sufixo *-pela*, do que as línguas substratais e superstratais, precisamente porque é uma língua *pidgin e/ou* crioula.

bém pode ser vista como um argumento contrário à transparência semântica (Plag 2006: 306).⁴

Mais adiante veremos que em alguns dos crioulos aqui estudados é muito comum que se tenham tomado de empréstimo às línguas lexificadoras palavras morfológicamente complexas e que esses empréstimos inclusive sejam responsáveis pela extensão das listas de afixos derivacionais nas descrições desses crioulos.

Nas secções seguintes, vamos estudar a afixação derivacional de alguns crioulos de base lexical portuguesa e espanhola tomando em consideração a questão da transparência semântica e da produtividade, esta última estando ligada à primeira a tal ponto que Lefebvre (2003: 72) afirma que a morfologia produtiva é por definição semanticamente transparente.⁵ Outra definição da transparência semântica é oferecida por Plag (2006: 305): a transparência implica a possibilidade de inferir o significado de palavras complexas a partir das suas partes. Note-se que McWhorter tem substituído o termo “transparente”, nos seus últimos escritos, por “composicional”. Justificamos este pequeno estudo pelo pouco que se tem trabalhado sobre o tema nos crioulos de base ibero-românica.⁶ Compararemos os crioulos estudados e procuraremos constatar se houve mudanças recentes nos inventários dos afixos derivacionais ou se tais inventários reflectem ainda o estado mais ou menos original da língua.

⁴ Além disso, Plag (2001: 154) declara que a opacidade semântica é uma “non-issue” quando se tem em conta que as pesquisas psicolinguísticas recentes mostrariam que as formas semanticamente opacas estão representadas como formas morfológicamente simples no léxico mental (cf. também McQueen & Cutler 1998).

Arends *et al.* (2006) sugerem outra divisão, indo além da mera distinção entre morfologia flexional e derivacional: uma divisão em morfologia inerente e morfologia contextual. Os crioulos, efectivamente, parecem não ter morfologia contextual (para uma definição dessa oposição, veja-se Arends *et al.* (2006: 235) ou Booij 1993: 30). Muysken (2004: 1655) cita os seguintes factores favoráveis à retenção da morfologia durante o processo de pidginização-crioulização: trata-se de morfemas derivacionais, não há alomorfia, o processo é aglutinativo e sintagmaticamente interpretável. A complexidade da palavra que lista como quinto factor não nos parece importante, pois o próprio autor afirma que (*ibid.*) que a complexidade em si não determina se uma palavra é retida ou não.

⁵ Ainda que Bauer (1983: 19) observe que nem todos os morfemas derivacionais produtivos são transparentes – dando o exemplo da substantivação no inglês *coverage* ‘cobertura’ < *cover* ‘cobrir’ + *-age*, por um lado, e o de *carriage* ‘carruagem, coche’ < *carry* ‘levar’ + *-age*, que o autor considera opaco –, também é preciso considerar a idade do produto da derivação.

⁶ Arends *et al.* (2006) constituem uma excepção, já que incluem o angolano, o papiamentu e o palenquero. Tivemos conhecimento deste artigo só muito recentemente.

2 – Os inventários dos afixos derivacionais dos crioulos estudados

2.1 – O cabo-verdiano

Veiga (1995: 122-129) apresenta uma lista muito extensa de afixos derivacionais. Divide o campo da prefixação em prefixos de origem grega e latina e admite que a produtividade dos primeiros é muito baixa (Veiga 1995: 123). O inventário dos sufixos é muito maior ainda que Veiga não o reconheça, é muito provável que a maior parte das palavras derivadas tenham sido retidas do português na sua forma integral, ou seja, que não se trate de derivações ocorridas no crioulo. Por conseguinte, os afixos correspondentes não são produtivos no cabo-verdiano. Vejam-se, por exemplo, as “derivações” *antibrasu* ‘antebraço’, *bisnetu* ‘bisneto’, *papelaria* ‘papeleria’, *parokianu* ‘paroquiano’, *sosialismu* ‘socialismo’, *studanti* ‘estudante’, *traison* ‘traição’, *pintura* ‘pintura’, *razistenti* ‘resistente’, etc. (Veiga 1995: 122, 125-127).

Quint (2000) e Brüser & Santos (2002) são muito mais cautelosos no que diz respeito à produtividade dos afixos derivacionais. Apresentamos na Tabela 1 os afixos listados por Brüser & Santos (2000: xli-xliv), com a adição dos sufixos *-ista*, *-udu* e *-Vdu* de Quint (2000: 144, 152):⁷

Tabela 1: Afixos derivacionais do cabo-verdiano

afixo	função	exemplo	etimologia/ afixo cor- resp. portu- guês ⁸
<i>dis-, diz-</i>	modificação de verbos e adjectivos, frequentemente anulação do significado da base	<i>diskarapati</i> ‘soltar-se, perder o apoio, cair’ < <i>karapati</i> ‘segurar(-se), agarrar(-se), abraçar’	<i>des-</i>
<i>ra-</i>	repetição de verbos	<i>radjobe</i> ‘remirar, rever’ < <i>djobe</i> ‘olhar, procurar, examinar’	<i>re-</i>
<i>-ada</i>	formação de substantivos a partir de predicados nominais e verbais	<i>totisáda</i> ‘um só golpe no pescoço’ < <i>totis</i> ‘nuca, toutiço’	<i>-ada</i>

⁷ O estado do sufixo *-Vdu*, quer dizer, do participio passado do português, é geralmente contestado: no caso do angolano, Arends *et al.* (2006: 226) consideram que se trata de um sufixo de flexão enquanto Maurer (1995: 91) o lista entre os sufixos derivacionais (cf. 2.3.).

⁸ Tendo em conta que as funções dos afixos derivacionais são muito semelhantes em português, não as listamos na tabela, mas só o afixo correspondente do português. Fazemos uma excepção no caso do crioulo do Ceilão do século XIX, onde inclusive a forma dos afixos é a mesma que no português (por isso, não é preciso citá-los), bem como no caso do chabacano, onde há diferenças importantes no tocante às funções que lhes correspondem nas línguas de origem.

afixo	função	exemplo	etimologia/ afixo cor- resp. portu- guês ⁸
- <i>ânsa</i>	formação de substantivos a partir de predicados nominais e verbais	<i>konsolânsa</i> 'consolação' < <i>konsola</i> 'consolar'	- <i>ança</i>
- <i>ânti</i>	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos e adjectivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes verbos	<i>rabidânti</i> 'revendedora' < <i>rabida</i> 'comprar para revender'	- <i>ante</i>
- <i>ariâ</i>	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	<i>salbaxariâ</i> 'maldade, má-criação, travessura' < <i>salbaxi</i> 'grosseiro, malcriado, selvagem'	- <i>aria</i>
-(<i>i</i>) <i>dádi</i> , - (<i>i</i>) <i>ndádi</i>	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	<i>balindádi</i> 'qualidade de servir' < <i>bale</i> 'prestar, servir, ser útil, valer'	- <i>dade</i>
- <i>dor</i> , - <i>dera</i>	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos e adjectivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>ledor</i> 'leitor' < <i>le</i> 'ler'; <i>nhemedera</i> 'dentadura, dentes' < <i>nheme</i> 'mastigar'	- <i>dor</i> , - <i>deira</i>
- <i>dura</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais; o resultado designa uma única ocorrência	<i>kansadura</i> 'canseira, cansaço' < <i>kânsa</i> 'cansar(-se)'	- <i>dura</i>
- <i>éns(i)a</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais e adjectivais	<i>intirfirénsa</i> 'interferença' < <i>intirfiri</i> 'interferir'	- <i>ência</i>
- <i>éntu</i>	formação de adjectivos a partir de predicados substantivos	<i>medéntu</i> 'que tem medo' < <i>médu</i> 'medo'	- <i>ento</i>
- <i>eru</i> , - <i>era</i>	formação, a partir de predicados verbais e nominais, de substantivos e adjectivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>faronperu</i> 'fanfarrão, bazofeador' < <i>farónpa</i> 'pompa, fanfarronice, bazófia'	- <i>eiro</i> , - <i>eira</i>
- <i>ésa</i> , - <i>éza</i>	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	<i>morabéza</i> 'amabilidade, afabilidade' < <i>morábi</i> 'amável, afável'	- <i>eça</i> , - <i>eza</i>
- <i>ida</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>djagasida</i> 'especialidade culinária da ilha de Fogo' < <i>djagasi</i> 'atrapalhar-se, perder a cabeça'	- <i>ida</i>
- <i>inhu</i> , - <i>inha</i>	formação de diminutivos a partir de substantivos, adjectivos e advérbios	<i>bunitinha</i> < <i>bunita</i> 'bonita'	- <i>inho</i> , - <i>inha</i>
- <i>ista</i>	formação, a partir de predicados nominais, de substantivos e adjectivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>kadjetista</i> 'pessoa que pensa em e vai a Calheta regularmente' < <i>Kadjeta</i> 'Calheta (cidade em Santiago)'	- <i>ista</i>
-(<i>a</i>) <i>menti</i>	formação de advérbios a partir de predicados adjectivos	<i>prontamenti</i> 'pronto!' < <i>pronto</i> 'pronto'	-(<i>a</i>) <i>mente</i>
- <i>mentu</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>kortamentu</i> (<i>di barriga</i>) 'dores de barriga acompanhadas de diarreia' < <i>korta</i> 'cortar', ser cortado	- <i>mento</i>

afixo	função	exemplo	etimologia/ afixo cor- resp. portu- guês ⁹
-on, -óna	formação de aumentativos a partir de substantivos e adjectivos	<i>kason</i> < <i>kása</i> 'casa'	-ão, -ona
-ós, -osu, -ozu	formação de adjectivos a partir de predicados substantivos	<i>skerdós</i> 'canhoto' < <i>skérdu</i> 'esquerdo'	-oso
-son	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>diskulpason</i> ⁹ 'desculpa' < <i>diskulpa</i> 'desculpar(-se), perdoar'	-são
-udu	formação de adjectivos a partir de predicados substantivos	<i>bokudu</i> 'gárrulo' < <i>bóka</i> 'boca'	-udo
-ura	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	<i>bedjura</i> 'idade avançada' < <i>bédju</i> 'velho'	-ura
-Vdu	formação de adjectivos a partir de predicados verbais	<i>raparádu</i> 'malcriado, que não tem respeito para os outros' < <i>rapára</i> 'reparar, observar, consertar'	-Vdo

Quint (2000: 146) observa que as variantes com *-(i)dádi* e *-éza* são mais recentes que *-indádi* e *-ésa* e considera que as primeiras entraram na língua como empréstimos, enquanto que os últimos seriam produtivos.¹⁰ Pelo menos na formação de nomes de plantas, *-eru/-era* também não seria produtivo, e os nomes de árvores formar-se-iam com *pé di*, p.ex.: *pé di banána* 'bananeiro' (Quint 2000: 145). A formação de advérbios com *-menti* é, segundo o mesmo autor, um fenómeno de aportuguesamento, com a excepção notável de *antigamenti* 'antigamente' (Quint 2000: 221).

Lamentavelmente, as fontes mais antigas sobre o cabo-verdiano, como Brito (1887), não contêm informação sobre a derivação. Ainda que tenhamos escolhido exemplos das representações da morfologia derivacional de Brüser & Santos (2002) e de Quint (2000) que não

⁹ Tem o sinónimo *diskulpa*.

¹⁰ Quanto aos outros casos de alomorfia, a distribuição de *-inhu/-inha* e *-eru/-era* é condicionada pelo sexo do referente, no caso dos referentes animados somente, e pelo fonema final da base (caso a base dos diminutivos termine em vogal ou ditongo tônicos, intercala-se um /s/). A distribuição de *-on/-óna* é determinada pela fixação no léxico do derivado e talvez pela ênfase (caso a base termine em vogal ou ditongo tônicos, intercala-se um /s/ no crioulo fundo e um /z/ no crioulo leve); a distribuição de *dis-/diz-* é determinada pelo facto de a base começar com consoante ou vogal (Brüser & Santos 2002: xli-xlii, xliv).

existem no português (pelo menos, não no português contemporâneo), para demonstrar que se trata de afixos produtivos, e se bem que consideremos possível encontrar muitos mais (p.ex.: *berador* ‘pessoa que fica perto da mesa ou vem de visita nas horas de comida para obter a sua parte’ < *bera* ‘beira’ e *minizada* ‘meninos (colectivo?)’ < *minis* ‘meninos’ (Pires & Hutchinson 1983 s.v.), suspeitamos que uma proporção importante dos “derivados” do cabo-verdiano tenham sido retidos do português *in toto*, tanto no caso das retenções mais antigas, como no dos empréstimos recentes. Contudo, sem um estudo quantitativo, é impossível pronunciarmo-nos sobre a magnitude dessa proporção.

No que tange à transparência ou à composicionalidade semântica dos derivados, figuram na Tabela 1 vários exemplos que definitivamente não correspondem a esta categoria (acresce que seria bastante possível alargar essa lista de exemplos): estão neste caso *djagasida* ‘especialidade culinária da ilha de Fogo’, *prontamenti!* ‘pronto!’ (só se utiliza como exclamação), *kortamentu (di bariga)* ‘dores de barriga acompanhadas de diarreia’, *bokudu* ‘gárrulo’, *raparádu* ‘malcriado, que não tem respeito para com os outros’¹¹ e não é evidente porque *nhemedera* significa ‘dentadura, dentes’ e não, p.ex., ‘mulher ou fêmea que mastiga’.

2.2 – O kriyôl da Guiné-Bissau

No quadro que se segue (Tabela 2), apresentamos uma adaptação da lista que Couto (1994: 85-87) faz dos afixos derivacionais mais ou menos produtivos no kriyôl da Guiné-Bissau:¹²

Tabela 2: Afixos derivacionais do kriyôl

afixo	função	exemplo	etimologia ¹³
<i>dis-</i>	modificação de verbos, frequentemente anulação do significado da base	<i>disjunda</i> ‘soltar, abrandar’ < <i>desjunda</i> ‘retesar, esticar’	<i>des-</i>
<i>-ada</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>kunsada</i> ‘início’ < <i>kunsa</i> ‘começar’	<i>-ada</i>

¹¹ Encontrámos este exemplo na parte de dicionário de Brüser & Santos (2002).

¹² Por exemplo, Couto (1994: 87) afirma que *-ansa* e *-on* são tão pouco produtivos que as palavras que as contêm são sentidas como unidades não analisáveis pelos falantes. Por conseguinte, não listamos aqueles sufixos.

¹³ Ou seja, correspondência no português, salvo no caso de *-ndV/-ntV*, que provém do mandinga.

afixo	função	exemplo	etimologia
-asku	formação de substantivos abstractos a partir de adjectivos	<i>bunitasku</i> 'beleza' < <i>bunitu</i> 'bonita'	-asco
-dia	formação de substantivos a partir de predicados nominais	<i>kamaradia</i> 'amizade' < <i>kamarada</i> 'amigo, kamarada'	-dia
-dur	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados, geralmente nomes de profissões	<i>bajadur</i> 'bailarino' < <i>baja</i> 'bailar'	-dor
-eru	formação, a partir de predicados verbais e nominais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados, geralmente profissões	<i>kalfanтеру</i> 'carpinteiro' < <i>kalfata</i> 'calafetar'	-eiro
-esa	formação, a partir de predicados nominais e adjectivais, de substantivos, o derivado indicando uma qualidade ou condição abstracta	<i>faimadesa</i> 'fome, avidez' < <i>faima</i> 'esfomear'	-eça, -eza
-ia	formação de verbos a partir de predicados nominais	<i>mandukia</i> 'espancar' < <i>manduku</i> 'pau'	-ear, -iar
-menti	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>kaímenti</i> 'caída' < <i>kaí</i> 'cair'	-mento
-ndadi	formação de substantivos a partir de predicados nominais e adjectivais	<i>amigundadi</i> 'amizade' < <i>amigu</i> 'amigo'	-dade
-ndV, -ntV	formação de causativos a partir de verbos	<i>ciganta</i> 'fazer chegar' < <i>ciga</i> 'chegar'	mandinga -ndi
-sí	formação de verbos a partir de predicados nominais e adjectivais	<i>bejusi</i> 'envelhecer' < <i>beju</i> 'velho'	-cer
-siñu	formação de diminutivos a partir de substantivos	<i>mamesiñu</i> 'madrastra' < <i>mame</i> 'mãe', <i>papesiñu</i> 'padrastra' < <i>pape</i> 'pai', <i>ermonsiñu</i> 'irmão menor' < <i>ermon</i> 'irmão'	-(z)inho
-uda, -ura	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	<i>larguda</i> 'largura' < <i>largu</i> 'largo'	-ura

Segundo Couto (1994: 85), os derivados com *-asku* e *-eru* não são muito produtivos. No caso das designações de profissões em *-eru*, opina que frequentemente são emprestados tais quais do português. Quando não se tratar de nomes de profissões, pode ocorrer a variante *-era*, p.ex. *kabasera* 'cabaceira' < *kabas* 'cabaça' (ibid.).¹⁴ Entre as

¹⁴ Então parece questionável a presença de *-eru* na Tabela 2. Lembremo-nos também do que diz Quint com respeito à formação dos nomes de árvores no cabo-verdiano. É uma lacuna que Couto traga só este único exemplo do emprego da variante *-era*.

variantes *-uda* e *-ura*, a primeira seria a original mas já não muito produtiva hoje em dia e estaria substituída pela segunda no kriyôl moderno (Couto 1994: 87). Como no caso do cabo-verdiano, o sufixo *-ndadi* parece ser crioulo, a variante *-dadi* mais bem portuguesa. Com efeito, Rougé (1988: 16) considera que por exemplo *koldadi* ‘qualidade’ e *bardadi* ‘verdade’ entraram na forma integral no kriyôl. Por fim, é de notar que o sufixo causativo *-ndV*, *-ntV* tem como fonte primária o sufixo mandinga *-ndi*, também causativo, ainda que a influência convergente do sufixo português *-antar* não é de excluir (Couto 1994: 86; Rougé 1988: 17).

Em quanto à opacidade semântica dos derivados, parece que os afixos produtivos produzem derivados maioritariamente transparentes como há de esperar-se. No caso dos exemplos não transparentes de derivações com o sufixo diminutivo citados na Tabela 2 pode tratar-se de calcos duma língua de adstrato. Por fim, ainda que Couto não diga nada sobre a produtividade do sufixo *-si*, duvido que seja produtivo. A parte do exemplo citado na Tabela 2, os demais derivados listados por Couto (1994: 87; sem bases!) não parecem transparentes, cf. *bensi* ‘benzer, rezar’, *mansi* ‘pernoitar’, *notsi* ‘passar o dia’ [sic], *obidisi* ‘obedecer’, *lebsi* ‘difamar, desrespeitar’.

Como podemos observar, o kriyôl compartilha a maioria dos afixos derivacionais com o cabo-verdiano, com certas divergências: o inventário consta de catorze afixos, não vinte e quatro como no cabo-verdiano;¹⁵ dos afixos de origem portuguesa, *-asku*, *-dia*, *-ia*, *-si* não se citam nos dois inventários cabo-verdianos principalmente consultados;¹⁶ a inexistência do sufixo causativo *-ndV*, *-ntV* no cabo-verdiano explica-se pela menor duração do contacto com as línguas de sub/adstrato; e, comparando as funções citadas nas Tabelas 1 e 2, nota-se que com vários afixos, o campo de aplicação é diferente (em geral, mais restringido) daquele dos afixos homólogos do cabo-verdiano.

¹⁵ Os números 14 e 24 não deveriam considerar-se de forma absoluta, porque é muito provável que nas tabelas figurem afixos cuja produtividade é muito baixa, como, por exemplo, o caso, já mencionado, do kriyôl *-eru/-era*–*eru/-era*.

¹⁶ Veiga (1995: 128), pelo contrário, lista *-ise*, o mesmo sufixo que kriyôl *-si* derivado do sufixo português *-ecer*.

2.3 – O angolar

Dependendo da definição, o angolar tem dois ou três afixos derivacionais, todos sufixos. Maurer (1995: 50-51, 90-91) indica os três sufixos que damos na Tabela 3:

Tabela 3: Afixos derivacionais do angolar

afixo	função	exemplo	etimologia/ correspondência no português
<i>-me(n)tu</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>kadhamentu</i> 'casamento' < <i>kadha</i> 'casar-se'	<i>-mento</i>
<i>-rô, -dô</i>	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>zirô taba</i> 'fazedor de tábuas' < <i>zi taba</i> 'fazer tábua'	<i>-dor</i>
<i>-ru, -du</i>	formação de predicados adjetivais a partir de predicados verbais; modificação de adjetivos e de <i>môtxi</i> 'muito' no sentido da ênfase	<i>n'djaru</i> 'de pé' < <i>n'dja</i> 'parar-se', <i>fiôru</i> '(muito) frío' < <i>fiô</i> 'frío', <i>môtxiru</i> 'muito(s), muitíssimo(s)' < <i>môtxi</i> 'muito'	<i>-Vdo</i>

Arends *et al.* (2006: 226, 229) consideram que o angolar tem só dois sufixos derivacionais. *-ru* e *-du*, segundo estes autores, são sufixos flexionais, já que não são considerados os usos enfáticos com bases adjetivais, nem a construção com *môtxi*. Ainda que bastante produtivos (contudo, nem todos os adjetivos podem levar o sufixo – cf. Maurer 1995: 51), esses usos enfáticos podem ser considerados semanticamente opacos.¹⁷ No que diz respeito à formação de predicados adjetivais a partir de predicados verbais, parece que muitos participios portugueses terão sido emprestados de maneira holística. O mesmo deve ter ocorrido com vários derivados em *-me(n)tu*. A julgar pelos poucos exemplos dados por Maurer, ambos os tipos de derivações seriam em si transparentes. Por outro lado, a formação de *nomina agentis* com *-rô, -dô* é genuinamente produtiva e transparente ao mesmo tempo.

¹⁷ Note-se que Maurer (1995: 50-51) não traduz a presença do sufixo enfático com 'muito'; fizemo-lo na Tabela 3 para clarificar melhor a função do sufixo. Lorenzino (1998: 137-139) concorda com a análise que Maurer faz de *-ru, -du* e fala das "propriedades idiossincráticas" do sufixo.

Ainda que o angolares esteja em contacto com o crioulo são-tomense e cada vez mais também com o português (Maurer 1995: 2), isso não parece ter influenciado no sistema de afixos derivacionais que continua sendo muito reduzido frente ao português e aos crioulos de Cabo-Verde e da Guiné-Bissau.

2.4 – O papiamentu

Com as descrições do papiamentu, estamos novamente¹⁸ perante uma situação em que certos autores listam uma multiplicidade de afixos derivacionais (por exemplo, Munteanu 1991: 181, 187-189), por oposição a outros que consideram que o papiamentu tem só dois ou três afixos derivacionais produtivos. Esta é a posição de Lenz (1928: 148-150), de Maurer (1998: 182) e de Dijkhoff (1993: 74-80). Kouwenberg & Murray (1994: 22-31) tomam uma posição intermédia. Vejamos a Tabela 4:¹⁹

Tabela 4: Afixos derivacionais do papiamentu

afixo	função	exemplo	etimologia ²⁰
<i>in-</i>	formação de antónimos de predicados adjectivais	<i>inabitá</i> 'inabitado' < <i>abitá</i> 'habitado'	esp., port. <i>in-</i>
<i>re-</i>	repetição de verbos, modificação de verbos no sentido dum caso específico	<i>reboltiá</i> 'revoltar' < <i>boltia</i> 'voltar'	esp., port. <i>re-</i>
<i>-bel</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais; o resultado exprime a capacidade de subir a acção do verbo	<i>kurabel</i> 'curável' < <i>kura</i> 'curar'	esp. <i>-ble</i> , port. <i>-vel</i>
<i>-dó</i>	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>fêrdó</i> 'pintor (de paredes)' < <i>fêrf</i> 'pintar'	esp., port. <i>-dor</i>
<i>-ero</i> , <i>-era</i>	formação, a partir de predicados nominais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>kunukero</i> 'camponês' < <i>kunuko</i> 'campo'	esp. <i>-ero</i> , <i>-era</i>
<i>-eria</i>	formação de nomes de comércio a partir de substantivos	<i>bukeria</i> 'livraria' < <i>buki</i> 'livro'	esp. <i>-eria</i> , port. <i>-eria</i>

¹⁸ Quer dizer, como no caso do cabo-verdiano anteriormente discutido (cfr. 2.2.).

¹⁹ Nas Tabelas 4, 5 e 6 utilizamos as seguintes abreviaturas: esp. = espanhol, hil. = hiligainão, hol. = holandês, ingl. = inglês, port. = português.

²⁰ Enquanto, por exemplo, Munteanu (1991) considera que o papiamentu é um crioulo de base lexical exclusivamente espanhola, a nossa opinião é a de que estamos perante um crioulo de base lexical espanhola e portuguesa. Por isso, citamos as duas línguas quando não for absolutamente claro que o afixo possa ser originário de apenas uma delas.

afixo	função	exemplo	etimologia
-ista	formação, a partir de predicados nominais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados, inclusive a designação de membros de organizações	wèlguista 'grevista' < wèlga 'greve', manista 'membro da M.A.N.' < M.A.N.	esp., port. -ista
-isá	formação de verbos a partir de predicados nominais	ferbalisá 'emitir uma garantia' < ferbal 'garantia'	esp., port. -izar
-mente	formação de advérbios a partir de predicados adjectivos	únikamente 'unicamente' < úniko 'único'	esp., port. -mente
-mentu	formação de substantivos a partir de predicados verbais	dalmentu di outo 'choque de carros' < dal 'golpear'	esp., port. -mento
-nsa	formação de substantivos a partir de predicados verbais	yudansa 'ajuda' < yuda 'ajudar'	esp. -nza, port. -nça
-shi	formação de substantivos a partir de predicados verbais	redashi 'bote' < reda 'espalhar um bote'	hol. -tie
-shon	formação de substantivos a partir de predicados verbais; o substantivo designa o resultado ou um caso da acção do predicado verbal	strobashon 'estorvo' < stroba 'estorvar'	esp. -ción

A produtividade da maior parte dos afixos listados é baixa ou até muito baixa. Maurer (1998: 182) considera que somente *-dó* e *-mentu* são plenamente produtivos e diz que os advérbios em *-mente* “quase sempre” se formam como em espanhol (ou português), ou seja, a partir duma base que termina em *-a* enquanto os adjectivos de origem ibero-românica são invariáveis e terminam em *-o* no papiamentu. Contudo, não chega à mesma conclusão que Kouwenberg & Murray (1994: 23, 29), que dizem que *-mente* simplesmente não é um afixo derivacional produtivo. Lenz (1928: 148-150), à época em que publicou o seu estudo, considerava que só *-mentu*, *-dó* e *-ero* eram produtivos. Isso significa que o inventário dos afixos derivacionais quase não mudou durante o século XX, um período porém em que outros aspectos da língua mudaram (incursão do léxico inglês, aumento do léxico de origem espanhola e holandesa, etc.). A grande maioria dos derivados são transparentes. Casos de derivações não transparentes citados na Tabela 4 seriam *reboltia* ‘revoltar’ e *ferbalisá* ‘emitir uma garantia’. É de notar que, tanto no papiamentu como no angolar, *-mentu* e *-dó* são

os únicos dois sufixos plenamente produtivos, sendo ainda de realçar a sua produtividade também no cabo-verdiano e no kriyôl.²¹ Por fim, notemos o facto de que na lista figura um sufixo de origem holandesa, resultado da convivência de séculos com essa língua de prestígio.

2.5 – O crioulo de Ceilão do fim do século XIX

A decisão de incluir uma variante histórica nesta comparação pode parecer estranha. Justificamo-la com os argumentos seguintes: a inclusão do chabacano, crioulo de base lexical espanhola, exige, de certa maneira, a apresentação da morfologia derivacional de um crioulo asiático de origem portuguesa. Além disso, a morfologia derivacional do crioulo de Ceilão do fim do século XIX apresenta fenómenos interessantes e as pouquíssimas descrições da variedade do século XX não contêm informação sobre o nosso tema. Contudo, é preciso lembrar que se tem assumido que precisamente no decorrer do século XX tiveram lugar umas mudanças tipológicas significativas que aproximaram o crioulo da sua língua de adstrato, o tamil (e, indirectamente, também ao cingalês, língua oficial do Sri Lanka, ainda que menos falado pelos crioulófonos). Essa posição é defendida em Smith (1978; 1979), embora este autor seja da opinião de que (comunicação pessoal, Junho de 2006) que o crioulo do fim do século XIX descrito sobretudo por Dalgado era um crioulo muito aportuguesado. Muito provavelmente, a guerra civil no Sri Lanka tem tido como efeito que a comunidade de falantes do crioulo, tradicionalmente radicada em Batticaloa, no leste da ilha, se tenha dispersado e que já não se possam fazer novas descrições da língua.

Dalgado (1900a: 28-29, 31, 52-53) cita derivações com oito afixos diferentes.²² Um estudo do seu vocabulário revela, porém, que há pelo menos uns oito outros afixos mais ou menos produtivos. Tendo em conta que Dalgado conhecia bem os dialectos portugueses no tempo e no espaço, podemos em princípio excluir que se trate, por exemplo, de regionalismos, no caso dos exemplos citados abaixo, já

²¹ Enquanto os derivados em *-dor* parecem (quase) sempre ser transparentes, não é sempre o caso dos derivados em *-mentu*. Cf. cabo-verdiano *kortamentu di bariga*.

²² *Des-/dis-*, *-ança*, *-ção*, *-dade*, *-dor*, *-dura*, *-mente*, *-oso*.

que Dalgado o teria comentado nas entradas respectivas. Listamos os afixos derivacionais que encontramos no crioulo de Ceilão do fim do século XIX na Tabela 5:²³

Tabela 5: Afixos derivacionais do crioulo de Ceilão do século XIX

afixo	função	exemplo
<i>des-</i> , <i>dis-</i>	formação de antónimos de predicados nominais e adjectivais	<i>desfrutuoso</i> 'infrutoso' < <i>frutuoso</i> 'frutoso'
<i>-ado</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais ²⁴	<i>devotado</i> 'devoto' < <i>devotá</i> 'devotar(-se)', ingl. <i>devoted</i>
<i>-ança</i> , <i>-ance</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>accordança</i> , <i>accordance</i> 'accordo' < <i>accordá</i> 'acordar', ingl. (in) <i>accordance</i>
<i>-ando</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais	<i>purificando</i> 'purificante' < <i>purificá</i> 'purificar'
<i>-ante</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais	<i>passante</i> 'passado' < <i>passá</i> 'passar'
<i>-avel</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais; o resultado exprime a capacidade de subir a acção do verbo	<i>honoravel</i> 'honrado, nobre' < * <i>honrá</i> 'honrar', ingl. <i>honourable</i>
<i>-ça a n</i> , <i>-ção</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>comidação</i> 'convite' < <i>comidá</i> 'convidar', ingl. <i>Invitation</i>
<i>-dade</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais	<i>feudade</i> 'fealdade' < <i>feu</i> 'feito'
<i>-dor</i>	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>furtador</i> 'ladrão' < <i>furta</i> 'furtar'
<i>-dura</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>gemeduras</i> 'gemidos' < <i>gemé</i> 'gemer'
<i>-eiro</i>	formação, a partir de predicados verbais, de adjectivos e substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	<i>servideira</i> 'servidora' < <i>servi</i> 'servir'
<i>-eza</i>	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	<i>branqueza</i> 'brancura' < <i>branco</i> 'branco'
<i>-mente</i>	formação de advérbios a partir de predicados adjectivos	<i>verdonhadamente</i> 'vergonhosamente' < <i>verdonhado</i> 'envergonhado'
<i>-mento</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>governamento</i> 'governo, principado' < <i>governá</i> 'governar', ingl. <i>government</i>
<i>-oso</i>	formação de adjectivos a partir de predicados nominais	<i>adulteiroso</i> , <i>adulterioso</i> 'adultero' < <i>adultería</i> 'adulterio', ingl. <i>adulterious</i>
<i>-ria</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais	<i>caçaria</i> 'caçada' < <i>caçá</i> 'caçar'

²³ No caso do crioulo de Ceilão do século XIX, as correspondências portuguesas são tão óbvias – na maioria dos casos, os afixos são inclusive formalmente iguais – que não os listamos à parte. Notemos novamente, porém, a influência do inglês na existência de *dobretes*.

Podemos observar que o uso que o crioulo de Ceilão do século XIX fazia dos afixos derivacionais era produtivo (provavelmente, em graus diferentes, dependendo do afixo) e transparente, eliminando em parte irregularidades do português ou criando dobretes morfologicamente possíveis onde o português possui uma só variante (por exemplo *livrança*, *livrance*, *livração* ‘livramento, libertação’).²⁵ Também vemos a partir dos exemplos (que se poderiam multiplicar) que a influência do inglês também se manifesta nos derivados.²⁶ Por fim, diferentemente da situação nos outros crioulos estudados até agora, a formação dos advérbios é produtiva, já que se faz com base no adjetivo na forma em que foi retida no crioulo – o masculino do português.²⁷

2.6 – O chabacano

Para a descrição dos afixos derivacionais do chabacano, baseámo-nos essencialmente no artigo de Steinkrüger (2003). Tal escolha justifica que tenhamos tratado das variedades do sul das Filipinas faladas em Zamboanga e Cotabato, na ilha de Mindanao, e não das variantes da Baía de Manila, entre as quais hoje em dia estão vivas as variedades de Cavite e Ternate. Em geral, as variedades do sul apresentam mais influência das línguas de adstrato que aquelas da Baía de Manila. Além disso, as principais línguas de adstrato austronésicas das primeiras são as línguas das Visayas (o cebuano e o hiligainão), enquanto que, no caso das segundas, o adstrato é o tagalog.²⁸

Segundo Steinkrüger (2003: 257-259), o chabacano possui vinte afixos derivacionais. Entre tais afixos, conta-se uma proporção muito elevada de prefixos, comparativamente com o que se verifica em

²⁴ Ou emprego de gerúndios e participípios como adjetivos (cf. Dalgado 1900a: 40). Esta observação aplica-se também aos sufixos *-ando* e *-ante*.

²⁵ A formação análoga de participípios que no português são irregulares actua no mesmo sentido. Cumprindo com uma sugestão dum revisor externo, sublinhamos que a forma *livrance* só existe no crioulo de Ceilão do século XIX, não no português-padrão.

²⁶ Obviamente, há muitos empréstimos directos do inglês. Além disso, há empréstimos do holandês e de outras línguas.

²⁷ Uma excepção curiosa é constituída pelas formas *grandomente*, *grandamente* ‘grandemente’ (Dalgado 1900a: 157).

²⁸ Isso é devido às circunstâncias históricas e geográficas da formação dos crioulos de base espanhola nas Filipinas.

relação aos crioulos anteriormente considerados (oito afixos ou 40% do total). O que é ainda mais interessante é que os prefixos provêm das línguas de adstrato, principalmente do hiligainão, enquanto a maior parte dos sufixos (dez entre doze ou 50% do total dos afixos derivacionais) provêm do espanhol (Steinkrüger 2003: 256).²⁹ Com a excepção de *-ero/-era*, os sufixos de origem espanhola só se podem afixar a raízes espanholas enquanto os afixos austronésicos se combinam com qualquer base.³⁰ Por essa mesma razão, têm uma produtividade mais alta. Apesar de Steinkrüger dizer que lista unicamente os afixos derivacionais produtivos (2003: 257), não deixa de reconhecer, na sequência imediata de tal afirmação, que duvida da produtividade de vários sufixos espanhóis, pelo menos dos casos de *esa*, *-ísta*, *-syon*, *-tibo*, *-a/-o* (2003: 259). Por outro lado, considera que por exemplo os sufixos espanhóis *-do/-w* e *-da* são muito produtivos (2003: 259-260).

Tabela 6: Afixos derivacionais do chabacano

afixo	função	etimologia	função na língua de origem	exemplo
<i>ika-</i>	formação de números ordinais a partir de números cardinais	hil. <i>ika-</i>	a mesma ³¹	<i>ika-dos</i> 'segundo' < <i>dos</i> 'dois'
<i>ma-</i>	formação de adjectivos, em geral a partir de substantivos	hil. <i>ma-</i>	formação de adjectivos a partir de vários tipos de raízes	<i>ma-pyédra</i> 'pedregoso' < <i>pyédra</i> 'pedra'
<i>mag-</i>	formação de substantivos e adjectivos colectivos a partir de substantivos	?		<i>mag-ermáno</i> 'entre irmãos, que se refere a irmãos' < <i>ermáno</i> 'irmão'

²⁹ A predominância dos afixos austronésicos entre os prefixos explica-se pelo facto de essas línguas (por exemplo, o tagalog, que está detalhadamente descrito) terem mais prefixos que sufixos ou infixos, o que é ainda mais importante numa situação de contacto linguístico e empréstimo; com poucas excepções, os prefixos têm características de palavras lexicais: não se fundem com a base e conservam acento próprio (Himmelman 2004: 1476).

³⁰ Existem, porém, restrições ainda não muito bem entendidas no que diz respeito à integração das raízes de origem inglesa (Steinkrüger 2003: 259).

³¹ Quer dizer que a função do afixo é a mesma que no chabacano. Preferimos este breve comentário à possibilidade de repetir o texto que figura na colona "função" (no chabacano) por visualizar melhor que efectivamente se trata da mesma função sem alterações nas duas línguas.

afixo	função	etimologia	função na língua de origem	exemplo
<i>maka-</i>	formação dos causativos de substantivos, verbos e adjectivos	hil. <i>maka-</i>	formação de predicados a partir de vários tipos de raízes para a designação da capacidade ou qualidade inerente a estes predicados	<i>maka-bungúl</i> 'que torna surdo' < <i>bungúl</i> 'surdo'
<i>man-</i>	formação de verbos a partir de substantivos e adjectivos	hil. <i>man-</i>	formação de verbos a partir de substantivos	<i>man-amigo</i> 'ser/tornar-se amigos' < <i>amigo</i> 'amigo'
<i>pa-</i>	formação de verbos recíprocos a partir de adjectivos; formação de verbos causativos a partir de verbos; formação de predicados nominais direccionais a partir de substantivos	hil. <i>pa-</i> , hil. <i>pag-</i>	formação de gerúndios a partir de raízes diferentes	<i>pa-alisto</i> 'testar-se mutuamente as capacidades' < <i>alisto</i> 'listo, activo', <i>man-pa-balábak</i> ³² 'ser posto transversalmente' < <i>balábak</i> 'posto transversalmente; pontalete transversal'
<i>paka-</i>	formação de substantivos a partir de predicados adjectivais	hil. <i>paka-</i>	formação de substantivos abstractos a partir de qualquer expressão	<i>paka-alisto</i> 'talento' < <i>alisto</i> 'listo, activo'
<i>ta-</i>	designação do aspecto imperfeito nos verbos; função derivacional em certas combinações	esp. <i>está</i>	3ª pessoa singular do auxiliar <i>estar</i> , aspecto imperfeito com o gerúndio	<i>tampahóven</i> 'comportar-se como uma pessoa jovem' < <i>ta-man-pa-hóven</i> < <i>hóven</i> 'jovem'
<i>-(y)á, -é, -í</i>	formação de verbos a partir de predicados adjectivais	esp. <i>-ar, -er, -ir</i>	desinência do infinitivo	<i>bibí</i> 'viver' < <i>bibo</i> 'vivo'
<i>-a, -o</i>	distinção do sexo dos substantivos	esp. <i>-a, -o</i>	distinção do género dos substantivos e adjectivos	<i>nyéta</i> 'neta', <i>nyéto</i> 'neto'.
<i>-da</i>	formação de substantivos a partir de predicados verbais para a designação da maneira, do acto, do lugar ou do produto da acção	esp. <i>-da</i>	formação de <i>nomina actionis</i> a partir de predicados verbais	<i>abláda</i> 'maneira de falar' < <i>ablá</i> 'falar', <i>entendida</i> 'compreensão, maneira de entender' < <i>entendé</i> 'entender'
<i>-d o, -w</i>	formação de adjectivos a partir de predicados verbais e nominais	esp. <i>-do</i>	desinência do participio passado masculino	<i>kurtáw</i> 'cortado' < <i>kurtá</i> 'cortar', <i>mantekádo</i> 'com muita manteiga' < <i>mantéka</i> 'manteiga'

³² Steinkrüger traduz *man-pa-balábak* por 'get set askew'. Cf. tagalog *balagbág* 'crossbeam, crosspiece; placed or lying crosswise, not straight, not parallel', *ibalagbág* 'to put something across the way', *pabalagbág* 'crosswise, awry' (English 2005: s.v.).

afixo	função	etimologia	função na língua de origem	exemplo
-dor, -dora	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	esp. -dor, -dora	a mesma	<i>nadador</i> 'marinheiro' < <i>nadá</i> 'nadar'
-era, -ero	formação, a partir de predicados verbais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	esp. -era, -ero	a mesma	<i>kaskaséro</i> 'alguém quem conduz como um louco' < <i>kaskás</i> 'conduzir como um louco' ³³
-esa	formação, a partir de predicados adjetivais, de substantivos para a designação da qualidade destes predicados	esp. -eza	a mesma	<i>rikésa</i> 'riqueza' < <i>ríko</i> 'rico', <i>pobrésa</i> 'pobreza' < <i>pobre</i> 'pobre'
-(h)an	formação de verbos recíprocos a partir de verbos formados com o prefixo <i>man-</i> ; formação de nomes de lugares onde certa acção decorre	hil. -(h)an	sufixo locativo	<i>man-kwénto-han</i> 'contar-se' < <i>kwénto</i> 'conto'; <i>tubuhán</i> 'canal de açúcar' < <i>tubú</i> 'cana-de-açúcar'
-(h)in	formação de adjetivos a partir de predicados nominais	hil. -gin (?)	marcador dum construção passada passiva	<i>myedú-hin</i> 'tímido, temeroso' < <i>myédu</i> 'medo'
-ísta	formação, a partir de predicados verbais e nominais, de substantivos para a designação dos sujeitos inerentes a estes predicados	esp. -ista	a mesma	<i>chabacanísta</i> 'experto em chabacano' < <i>chabacano</i>
-syón	formação de substantivos a partir de predicados verbais	esp. -ción	a mesma	<i>dibisyón</i> 'divisão' < <i>dibidí</i> 'dividir'
-tibo	formação de adjetivos a partir de predicados verbais	esp. -tivo	a mesma	<i>pensatibo</i> 'pensativo' < <i>pensá</i> 'pensar'

A maior parte dos derivados são semanticamente transparentes. Há outros, porém, que não o são, como se verifica, por exemplo,

³³ Steinkrüger (2003: 259) nota que tanto o verbo como o derivado existem no tagalog. Por conseguinte, pelo menos essa derivação não é produtiva porque é pouco provável que o tagalog tenha tomado empréstimos às variedades do chabacano que Steinkrüger estuda.

através da multiplicidade das funções de *pa-*, *ta-* e *-(h)an* ou casos como *nadador* ‘marinheiro’ < *nadá* ‘nadar’ . Enquanto a função do afixo geralmente corresponde, nos outros crioulos estudados até agora, à sua função na língua de origem, este muitas vezes não é o caso do chabacano. Por isso, listámos, na Tabela 6, as funções dos afixos considerados tanto em chabacano como na língua de origem. Por último, ainda que o inventário de afixos derivacionais do chabacano seja considerável, é muito menor que os inventários encontrados quer em espanhol, quer em hiligainão (Steinkrüger 2003: 256).

3 – Discussão

Os seis crioulos estudados utilizam os afixos derivacionais de maneiras muito distintas. O angolár, geralmente classificado como crioulo radical, tem um inventário muito reduzido, de que faz um uso produtivo e transparente, enquanto que os inventários dos outros crioulos são muito mais extensos. A coexistência com a língua lexicadora contribui para um estado de coisas em que palavras derivadas transitam holisticamente de uma língua para a outra. Porventura sempre foi essa a situação deste crioulo, pelo menos em parte, ainda que tenha havido épocas na história do cabo-verdiano em que a presença do português foi menos significativa (cf., p. ex., Bartens 2000). Esta observação parece valer também para o papiamentu, que hoje em dia se encontra muito influenciado pelo espanhol, ainda que se trate de um crioulo de base lexical portuguesa e espanhola. Exemplifica esta situação a existência de autores que afirmam que o sufixo *-mente* se tornou produtivo no decorrer dos últimos cem anos, a par de outros que colocam em dúvida a sua produtividade e defendem que se trata de empréstimos holísticos (ver 2.4.).

Por outro lado, pelo carácter restrito dos contactos do kriyól com o português, existe uma necessidade real de se fazer uso produtivo, e na maior parte dos casos transparente, da sua morfologia derivacional, ainda que obviamente existam diferenças na produtividade de afixos individuais. O contacto prolongado com o adstrato levou à incorporação do afixo causativo tomado de empréstimo ao mandinga (com influência apenas convergente do afixo português). Note-se,

porém, que o inventário do kriyôl é aproximadamente da mesma extensão que o inventário do cabo-verdiano e do inventário que alguns têm postulado para o papiamento – que, aliás, incorporou um sufixo holandês de baixa produtividade durante o seu prolongado contacto com aquela língua da administração.

O crioulo de Ceilão do século XIX encontrou-se numa situação semelhante à do kriyôl actual: o contacto com o português-padrão não era muito forte e decididamente o crioulo não foi submetido a nenhum processo de normalização linguística, o que permitia a coexistência de variantes morfofonológicas, algumas delas emprestadas do crioulo português de Macau, conforme nota Dalgado (1900a) na parte de vocabulário, outras surgidas do contacto com o inglês. Em geral, a morfologia derivacional utiliza-se de maneira produtiva e transparente.

No chabacano, a tendência do distanciamento da língua lexificadora e da aproximação às línguas de adstrato é levada muito mais longe do que no kriyôl ou no crioulo de Ceilão do século XIX: como notámos na secção 2.6., os afixos derivacionais de origem austronésica são muito mais produtivos que os afixos espanhóis, apesar de os derivados não serem transparentes em todos os casos.

Resumindo, podemos dizer que, na maioria dos casos, a derivação é semanticamente transparente. Existem, porém, em todos os crioulos estudados contra-exemplos ao postulado da transparência ou da composicionalidade semântica de McWhorter.³⁴ Neste sentido, os nossos resultados concordam com os obtidos por Plag (2001; 2006), Braun & Plag (2003), Siegel (2004) e Arends *et al.* (2006). Ainda que a extensão do inventário de afixos tenha pelo menos em parte que ver com a relativa basi- ou acrolectalidade do crioulo (muito reduzido no angolar, geralmente considerado basilectal, e extenso no caso

³⁴ Em várias ocasiões, temos mostrado que os crioulos de base lexical ibero-românica não se conformam com os padrões estabelecidos sobretudo a partir dos crioulos de base inglesa que também constituem o campo original de estudo de McWhorter. Por exemplo, os crioulos de base ibero-românica têm participios e outras formas conjugadas dos verbos, inclusive formas de conjuntivo, e muitos interrogativos opacos (Bartens 1995; 1996). Achamos que as configurações tipológicas do próprio inglês, por um lado, e das línguas ibero-românicas, por outro, desempenham um importante papel nesse fenómeno.

do cabo-verdiano e do papiamento, considerados acrolectais),³⁵ a produtividade dos afixos é condicionada pela inexistência da possibilidade de emprestar derivados inteiros da língua lexificadora e pela intensidade do contacto com o adstrato. Neste sentido, o caso do chabacano é sumamente ilustrativo e põe em dúvida uma conclusão à qual seria fácil de chegar a partir dos inventários derivacionais dos demais crioulos estudados, ou seja, que pelo menos em matéria de derivação, estes crioulos seriam línguas neo-ibero-românicas.

Precisamente, excluindo o chabacano do estudo, esta conclusão seria imaginável tendo em conta que a formação de palavras constitui um campo muito conservador numa língua (contanto que alguma morfologia correspondente se conserve durante o processo de criouliização; cf. Lüdtke 1996: 236-237) e que são mais ou menos os mesmos afixos que se conservam em variedades extra-europeias das línguas ibero-românicas, não ou em menor grau reguladas por instâncias normalizadoras, como exemplificado pelo português de Angola, de Moçambique ou de Goa.³⁶ No espanhol americano que obviamente tem as suas instâncias normalizadoras, tem sido notável o aumento da produtividade dos sufixos *-ada*, *-ero/-era* e *-ción*. Por outro lado, só um afixo (possivelmente) emprestado a uma língua indígena, *-eco/-eca* (formação de nomes de lugares e seus habitantes, e adjectivos pejorativos) do nahuatl *-ecatl* é utilizado de maneira corrente no espanhol centro-americano e mexicano (Kany 1962: 85ss.; Buesa Oliver & Enguita Utrilla 1992: 238-246; Lipski 1994).

Por isso, repitamo-lo, é bastante elucidativo observar casos como o do chabacano, que demonstra claramente até que ponto um crioulo pode mudar sob a influência do contacto linguístico,

³⁵ Note-se, porém, que os inventários mais extensos postulados neste estudo não têm a dimensão dos inventários das línguas de super-, sub- ou adstrato, observação que já fizemos a propósito do chabacano.

³⁶ Endruschat (1994: 85-87) realça a produtividade dos afixos seguintes no português angolano: *anti-*, *auto-*, *des-*, *in-*, *inter-*, *não-*, *pós-*, *pre-*, *sobre-*, *sub-*, *-a*, *-ado*, *-dade*, *-dor*, *-eiro/-eira*, *-il/-al*, *-ismo*, *-ista*, *-(iza)ção*, *-izar*, *-sita*, *-ivo*. Döll (1994: 129-131) nota as formações análogas “errôneas” (ou seja, produtivas segundo a nossa interpretação) com os afixos *anti-*, *auto-*, *des-*, *inter-*, *mini-*, *não-*, *pós-*, *pre-*, *pró-*, *sobre-*, *sub-*, *-ante*, *-(iza)ção*, *-eiro*, *-ismo*, *-ista*, *-mento*, *-(íst)ico*, *-ível*, *-izar* no português moçambicano. Dalgado (1900b: 68-69) comenta o aumento dos usos de *-eiro* em detrimento de *-ista* no português regional de Goa.

evidenciando que seria muito precipitado concluir que os crioulos são apenas variantes das suas línguas-mãe (ou lexificadoras), como tem sido corrente assumir em certos círculos crioulisticos, de resto diametralmente opostos aos postulados de McWhorter.³⁷ A única alternativa para salvar aquela teoria seria manter que o chabacano não é um crioulo – e por agora não existem argumentos sustentáveis para afirmá-lo.³⁸

REFERÊNCIAS

- Arends, J.; Verhagen, J.; Van Lier, E.; Dikker, S.; Cardoso, H. 2006. On the presence versus absence of morphological marking in four Romance-based creoles. In: P. Bhatt; I. Plag (Eds.). *The Structure of Creole Words. Segmental, Syllabic and Morphological Aspects*. Tübingen: Niemeyer, 223-241.
- Bartens, A. 1995. *Die iberoromanisch-basierten Kreolsprachen: Ansätze der linguistischen Beschreibung*. Frankfurt/ Main: Peter Lang.
- Bartens, A. 1996. Interrogativa und verwandte Wortarten in den iberoromanisch-basierten Kreolsprachen. In: A. Endruschat & E. Gärtner (Eds.). *Untersuchungen zur portugiesischen Sprache (Beihefte zu Lusorama. 1. Reihe. 7.Band)*. Frankfurt am Main: TFM/Domus Editoria Europaea, 243-262.
- Bartens, A. 2000. Notes on componential diffusion in the genesis of the Kabuverdianu cluster. In: J. McWhorter (Ed.). *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles. (Creole Language Library 21.)* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 35-61.
- Bartens, A. 2004. A comparative study of reduplication in Portuguese- and Spanish-based creoles. In: M. Fernández; M. Fernández-Ferreira; N. Vázquez Veiga (Eds.). *Actas del III Encuentro de ACBLPE*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 239-253.
- Bauer, L. 1983. *English Word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bickerton, D. 1981. *Roots of Language*. Ann Arbor MI: Karoma.
- Bickerton, D. 1984. The language bioprogram hypothesis. *The Behavioral and Brain Sciences*. 7: 173-188.

³⁷ Robert Chaudenson foi o defensor mais árduo dessa tese nos seus escritos mais antigos. Nos anos 1990, suavizou a sua posição relativamente a esta questão.

³⁸ Quer isto dizer que a convergência linguística teria que assumir dimensões ainda muito mais importantes para que o carácter crioulo do chabacano se oblitere. Como acima mencionámos (v. 2.5.), o crioulo de Ceilão do século XX é outro caso de um crioulo que tem experimentado um movimento de convergência importante em direção ao adstrato.

- Booij, G. 1993. Against split morphology. In: G. Booij; J. van Marle (Eds.). *Yearbook of Morphology 1993*. Dordrecht: Kluwer, 27-49.
- Booij, G.; van Marle, J. (Eds., 2003). *Yearbook of Morphology 2002*. Dordrecht: Kluwer.
- Booij, G.; Lehmann, C.; Mugdan, J. (Eds., 2004). *Morphologie: ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung/Morphology: an international handbook of inflection and word-formation. 2. Halbband/Volume 2*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Braun, M.; Plag, I. 2003. How transparent is creole morphology? A study of early Sranan word formation. In: G. Booij; J. van Marle (Eds., 2003). *Yearbook of Morphology 2002*. Dordrecht: Kluwer, 81-104.
- Brito, A. P. de (1967[1887]): Dialectos Crioulos-Portugueses. Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistas por F. Adolfo Coelho. In: J. M. Barbosa (Ed.). *Estudos Linguísticos Crioulos. Edição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 329-404.
- Buesa Oliver, T.; Enguita Utrilla, J. M. 1992. *Léxico del español de América: su elemento patrimonial e indígena*. Madrid: Mapfre.
- Couto, H. H. do. 1994. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Buske.
- Dalgado, S. R. 1900a. *Dialecto indo-português de Ceylão*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Dalgado, S. R. 1900b. Dialecto indo-português de Goa. *Revista Lusitana*. 6: 63-84.
- Dijkhoff, M. 1993. Papiamentu word formation. Amsterdam: University of Amsterdam. Unpublished dissertation.
- Döll, C. 1994. 6. Portugiesisch in Moçambique. In: M. Perl et al. (Eds.). *Portugiesisch und Crioulo in Afrika. Geschichte – Grammatik – Lexik – Sprachentwicklung*. Bochum: Brockmeyer, 110-139.
- Endruschat, A. 1994. "5. Portugiesisch in Angola". In: M. Perl et al. (Eds.). *Portugiesisch und Crioulo in Afrika. Geschichte – Grammatik – Lexik – Sprachentwicklung*. Bochum: Brockmeyer, 66-69.
- English, L. J. 2005. *Tagalog-English Dictionary*. Mandaluyong City: National Book Store/ Congregation of the Most Holy Redeemer.
- Faraclas, N. 2003. The *-pela* suffix in Tok Pisin and the notion of 'simplicity' in pidgin and creole languages: What happens to morphology under contact?. In: I. Plag (Ed.). *Phonology and Morphology of Creole Languages*. Tübingen: Niemeyer, 269-290.
- Fries, N. 2005. Ableitung. In: H. Glück (Hrsg.). *Metzler Lexikon Sprache*. Stuttgart: J.B. Metzler, 5-6.
- Günther, H. 2005. Ableitungsaffix & Ableitungsbasis. In: H. Glück (Hrsg.). *Metzler Lexikon Sprache*. Stuttgart: J.B. Metzler, 6.
- Himmelmann, N. P. 2004. Tagalog (Austronesian). In: G. Booij; C. Lehmann; J. Mugdan

- (Eds). *Morphologie: ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung/ Morphology: an international handbook of inflection and word-formation. 2. Halbband/Volume 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1473-1490.*
- Kany, C. E. 1962. *Semántica hispanoamericana*. Madrid: Aguilar.
- Kouwenberg, S.; LaCharité, D. 2003. The meanings of “more of the same”. Iconicity in reduplication and the evidence for substrate transfer in the genesis of Caribbean Creole languages. In: S. Kouwenberg (Ed.). *Twice as meaningful. Reduplication in Pidgins, Creoles and other contact language*. London: Battlebridge, 7-18.
- Kouwenberg, S.; Murray, E. 1994. *Papiamentu*. München/Newcastle: Lincom Europa.
- Lefebvre, C. 2003. The emergence of productive morphology in creole languages: The case of Haitian Creole”. In: G. Booij; J. van Marle (Eds.). *Yearbook of Morphology 2002*. Dordrecht: Kluwer, 35-80.
- Lenz, R. 1928. *El papiamentu, la lengua criolla de Curazao. La gramática más sencilla*. Santiago de Chile: Balcells y Cia.
- Lipski, J. M. 1994. *Latin American Spanish*. London/New York: Longman.
- Lorenzino, G. 1998. *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: Its Grammar and Sociolinguistic History*. München: Lincom Europa.
- Ludtke, J. 1996. 106. Gemeinromanische Tendenzen ‘V. Wortbildungslehre. In: G. Holtus; M. Metzeltin; C. Schmitt (Eds.). *Lexikon der Romanistischen Linguistik. Band 1. Latein und Romanisch. Historisch-vergleichende Grammatik der romanischen Sprachen*. Tübingen: Niemeyer, 235-272.
- Maurer, P. 1995. *L’angolar. Un créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburg: Buske.
- Maurer, P. 1998. El papiamentu de Curazao. In: M. Perl; A. Schwegler (Eds.). *América negra: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 139-217.
- McQueen, J.M.; Cutler, A. 1998. Morphology in word recognition. In: A. Spencer; A. M. Zwicky (Eds.). *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 406-427.
- McWhorter, J. 1998. Identifying the Creole prototype: Indicating a typological class. *Language*. **74(4)**: 788-818.
- McWhorter, J. 2005. *Defining Creole*. Oxford: Oxford University Press.
- Munteanu, D. 1991. *El Papiamentu, origen, evolución y estructura*. Bochum: Brockmeyer.
- Muysken, P. 2004. 153. Pidginization, creolization, and language death. In: G. Booij; C. Lehmann; J. Mugdan (Eds.). *Morphologie: ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung/Morphology: an international handbook of inflection and word-formation. 2. Halbband/Volume 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1653-1661.*
- Perl, M. et al. 1994. *Portugiesisch und Crioulo in Afrika. Geschichte – Grammatik – Lexik – Sprachentwicklung*. Bochum: Brockmeyer.

- Pires, J.; Hutchinson, J. P. 1983. *Disionariu preliminaru kriolu. Preliminary creole dictionary. Cape Verdean/English*. Boston: Funkul.
- Plag, I. 2001. The nature of derivational morphology in creoles and non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*. **16(1)**: 153-160.
- Plag, I. (Ed., 2003). *Phonology and Morphology of Creole Languages*. Tübingen: Niemeyer.
- Plag, I. 2006. Morphology in Pidgins and Creoles. In: K. Brown (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics. Second Edition. Vol. 8*. Amsterdam : Elsevier, 304-308.
- Quint, N. 2000. *Grammaire de la langue cap-verdienne. Étude descriptive et comprehensive du créole afro-portugais des Îles du Cap-Vert*. Paris: L'Harmattan.
- Rougé, J.-L. 1988. *Petit dictionnaire étymologique du kriol de Guinée-Bissau et Casamance*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Siegel, J. 2004. Morphological simplicity in Pidgins and Creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*. **19(1)**: 139-162.
- Smith, I. R. 1978. *Sri Lanka Creole Portuguese Phonology*. Trivandrum: Dravidian Linguistics Association.
- Smith, I. R. 1979. Convergence on South Asia: a creole example. *Lingua*. **48**: 193-222.
- Steinkrüger, P. 2003. Morphological processes of word formation in Chabacano (Philippine Spanish Creole). In: I. Plag (Ed.). *Phonology and Morphology of Creole Languages*. Tübingen: Niemeyer, 253-268.
- Veiga, M. 1995. *O Crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco/Instituto Caboverdiano de Cultura.

